UMA FLOR DO CLERO CEARENSE

PE. AZARIAS SOBREIRA

Adieu! N' oubliez pas que, s' il est un de nous
Qui pourrait envier l' outre, ce n' est pas vous.

Joaquim Nabuco.

Suave imposição de um amigo e confrade do Instituto do Ceará vai responder pela minha atual temeridade de pretender reconstruir a fisionomia moral de um antigo condiscípulo, morto há trinta e nove anos e meio.

Acontece, todavia, que, à semelhança de Leonardo Mota naquele cenáculo de nossa cultura provinciana, tornei-me numa espécie de sineiro de certos vultos de maior projeção que, neste século, perdeu a Igreja do Ceará. Aí estão diversas tentativas biográficas e necrológios que saíram impressos sob a minha responsabilidade e que acabariam desmentindo qualquer alegação de absoluta incapacidade.

Contra a obrigação que assumi se me antolham duas bem sérias dificuldades. De um lado, a circunstância de fazer quatro decênios que faleceu o homenageado de hoje, correndo eu, por isto mesmo, apreciável risco de imprecisão, ao querer fixar no papel os contôrnos do espírito que nêle habitou e que, por anos consecutivos, benéfica influência exerceu sôbre mim. Do outro lado, é certo que os melhores documentos em que me devia abeberar na feitura desta composição desapareceram criminosamente, conforme a seu tempo salientarei.

Isto não obstante, meterei ombros à tarefa, confiante na benignidade dos leitores.

* * *

Data de meus tempos de criança a preocupação de possuir, pelo menos, um amigo de fato. E, se dissesse que se malograram as esperanças por mim acariciadas, estaria mentindo a Deus e à própria consciência. É que, mal entrado na idade viril, empreendi a conquista do cobiçado objetivo, não sendo, portanto, de pasmar que, agora, em franca senectude, ao bico da pena me acudam alguns nomes de autênticos amigos, boa parte dos quais já pertencem ao mundo de além-túmulo.

Da fase saudosa de seminário, quantos vultos esvoaçam ainda pelo céu de minhas reminiscências! Em ordem ascendente, eis que acenam para mim, à maneira de flôres-sempre-vivas de meu jardim, José Alves de Lima, Deodato Pinto, Joaquim Sobreira da Franca, Manuel Florentino Gomes, Vicente Sobreira, Antônio Gomes da Silva, Plácido Alves de Oliveira e Joaquim Moreira de Sousa.

Ocupar-me-ei hoje de Antônio Gomes da Silva.

* * *

Nascido aos 13 de Fevereiro de 1.887, foram seus pais o Cel. Basílio Gomes da Silva, respeitável sertanejo pernambucano que bem cêdo se radicara no então futuro município de Brejo Santo, onde constituiu família e independência financeira, e sua espôsa D. Maria da Conceição de Jesus.

Da numerosa prole que derivou de tal consórcio, apenas dois frequentaram colégio, suponho que por não estar em voga, como na atualidade, a paixão de mandar instruir os filhos em casas de educação, *avis rara* até a segunda década dêste século, sobretudo fora da capital. Foram êles Joaquim Basílio Gomes e o meu homenageado. Enquanto viveram estudando no Seminário Episcopal de Fortaleza, víamo-los perenemente juntos, fôsse conversando, fôsse recordando as lições de cada dia, senão a matéria dos exames. Sinceros amigos, bastavam-se reciprocamente. Mas, verificada a saída do primeiro, ficou o Antônio como que deslocado durante os recreios, até quando pôde preencher o vácuo dalma com a amizade de Manuel Gomes e do autor destas linhas.

Pouco a pouco, ao longo de muitos meses, fomos entendendo os propósitos um do outro, de sorte que chegámos a ser os três aquilo do Evangelho: *cor unum et anima una.* Seja dito de passagem que o filho de Brejo Santo era o natural traço de união entre os outros da trempe.

Dispunha êle de maior experiência, pois tinha seis anos a mais, e espírito de fé menos superficial.

Entre parêntesis, observe-se que na matrícula no Seminário só ocorreu por volta dos vinte anos, depois de amadurecida a idéia de consagrar-se totalmente ao serviço dos altares. Enquanto não, repartia seu tempo entre as ocupações inerentes aos filhos de agricultor e os livros, a cujo cultivo o estimulavam os exemplos do seu professor de português, o Padre Casemiro Viana, que marcou época naquela terra e no espírito de tão invulgar aluno. Não menos deve ter concorrido para isto D. Balbina Viana, sua desvelada mestra-escola, devorada do desejo de plasmar patriòticamente as crianças a ela confiadas e digna irmã do referido eclesiástico.

A êste soube Antônio retribuir nobremente os serviços recebidos, pois não só conservou o bom costume de fazê-lo conhecido de quantos privaram de sua estima, mas também, na única conferência que proferiu, aliás numa solene homenagem pública aos Bispos do Norte do Brasil, em 1910, focalizou, significativamente, a figura daquele pároco cearense que falecera havia pouco. Recordo-me vivamente de uma reflexão do Padre Viana moribundo que o meu saudoso colega trazia de memória e gostava de repetir para mim: "É bom ser padre até para morrer!"

Dir-se-ia que houvesse nele como que um pressentimento de próximo fim, e que semelhante presságio, em vez de arrefecer-lhe o gôsto pela carreira sacerdotal, ainda mais lhe afervorasse o ânimo no encalço de tamanho desideratum. Morreu, realmente, às vésperas do sacerdócio, menos de dois mêses depois de haver sido investido na ordem maior do subdiaconato!. Demos juntos êste passo, como os anteriores.

* * *

Falando-me acêrca de Antônio Gomes, distinto conterrâneo seu me assegurou ainda há semanas: "... sua piedade ignorava afetação, porque era sóbria, firme e sincera, como o seu amor à verdade."

Criado à sombra de um lar onde tudo primava pela ordem, onde a honradez não sofria a mais pequena quebra, onde a autoridade tinha muito de patriarcal, sentia-se êle naturalmente inclinado a reproduzir, em si mesmo, os edificantes exemplos que o rodeavam. Daí, uma profunda admiração que votava ao autor de seus dias, outra entidade que lhe vincou a retentiva e certamente decidiu da orientação de seu caráter.

Por tudo isto, bem como pela clareza de suas idéias, pela retidão

de seu proceder, pelo dom que tinha de dominar tôdas as matérias escolares (verdade é que à custa de pertinaz esfôrço), afirmando-se primeiro de sua turma, não lhe custou muito concentrar a estima e depois o respeito de seus irmãos, que se ufanavam de possuí-lo e viam nele a mais fagueira esperança de sua parentela.

Interessante! Refratário por índole a atitudes de pronunciada admiração pelos moços, o Cel. Basílio findou rendendo manifesta deferência ao filho seminarista, impressionado, êle também, com o seu bom senso a tôda prova e com as notas brilhantes que do mesmo recebia nos boletins do Seminário Diocesano, donde, cada fim de ano letivo, o via regressar com o peito recoberto de medalhas!

Nesta altura permita-se-me salientar que o meu biografado em tempo nenhum deixou de ser um aluno modelar, jamais tendo sucedido que não soubesse, a contento geral, as lições do dia e os exames periódicos. E não era, nunca foi um dêsses estudantes em que a memória entrasse com o maior quinhão no feliz desempenho de seus deveres escolares. Porque a sua preocupação dominante consistia em sair mesmo senhor do que ia aprendendo. Embora fôsse patente o seu pendor para a literatura, como para as línguas, tanto que falava e escrevia corretamente, além do pátrio idioma, o francês e o inglês, distinguiu-se tôda a vida no estudo das matemáticas, história, direito, filosofia, hermenêutica, etc.

Para minha boa sorte, aí se acham, em condições de dar testemunho do que venho sustentando, diversos dos seus mais salientes contemporâneos de curso: Olavo Oliveira, Genésio Câmara, José Arrais de Alencar, Otávio Lôbo, J. Moreira de Sousa, Joel Linhares, Hermínio Araújo, Austegésilo de Ataíde, Dom Filipe C. Pacheco, Dom Aureliano Matos, Mons. J. Alves de Lima, Mons. Manuel Soares Neto, para não ir muito longe.

Sem medo de contestação, opino que nenhum dêles saiu daquele educandário benemérito sem uma impressão otimista do companheiro brejo-santense, tanto *ex vi* do seu aproveitamento intelectual, como graças ao seu bom senso, à integridade de seus costumes e à sua elevação de vistas. Lia-se-lhe fàcilmente, em sua norma de vida, o empenho de habilitar-se, escrupulosamente, para a missão que tinha em mira: a cura das almas.

* * *

Em contraposição a tamanhas prendas, faltava-lhe uma bem pronunciada atração pessoal, como também certo jeito de calar suas incessantes observações de ordem cultural, pois era vezo seu, dia após dia, ocupar-se das mesmas, tornando assim fastiosa sua palestra a quem não

se afinasse com o mesmo ideal. Nada mais descobri nele que não merecesse aplauso.

Durante as férias, ao que vim a saber, entretinha-se freqüentemente com seus irmãos. Nicodemos, Joaquim e Francisco, acêrca de iguais objetivos; lia à mais não poder; dava aula de catecismo a crianças do recôncavo; desasnava no latim um seu sobrinho assás curioso, Antônio Nicodemos de Araújo.

Verificado o seu passamento, êste rapazito, ouvido o parecer do pai, adotou o nome do tio extinto, passando logo a assinar-se Antônio Gomes de Araújo! E cumpre notar que até hoje tem sabido honrar o seu ilustre homônimo, feito excelente professor, maximé de história, disciplina em que se vem afirmando pesquisador invulgar. Refiro-me ao Padre Gomes, residente no Crato dêsde 1.922 e a quem aquela progressista cidade muito deve na formação moral e cívica das derradeiras gerações que ali vêm passando pelos ginásios urbanos. Mais uma vez a adoção de um novo nome equivaleu a uma feliz e consagradora vocação. Não que o discípulo haja ultrapassado o mestre, como idealizava Leonardo da Vinci; mas percebe-se-lhe o esfôrço nobilitante de não perder de vista. nem um momento, o modêlo adotado na adolescência.

* * *

Nada mais desalentador, para um biógrafo consciente de suas responsabilidades, do que encontrar-se desapercebido de material comprobativo dos principais conceitos a formular em tôrno do seu assunto. Pois é êste o caso vertente. Antônio Gomes havia produzido cartas, discursos, artigos de imprensa, ensaios poéticos, até em francês; e tudo quanto dele ficara e vivia guardado na casa paterna, foi totalmente destruído, em 1920, pelo canibal que acudia ao nome de Sebastião Pereira, ao tempo em que, chefiando um grupo de cangaceiros, atacou e saqueou a propriedade rural do Cel. Basílio. E é numa tal sinuca de documentos que tive de me lançar neste tentame de restauração.

Já disse bastante para poder pingar o ponto final.

Não permitiu a divina Providência que um moço tão bem fadado visse convertido em plena realidade o sonho em que se havia embalado através de quinze dilatados anos e para que se vinha preparando com a santa teimosia de verdadeiro predestinado que era. Assim foi que, no decurso de suas férias de 1915, acometeu-o insidiosa febre tifóide que, depois de haver menoscabado todos os recursos da medicina, cortou-lhe, inexorável, o fio da existência.

Serviu-lhe de médico assistente o historiador Irineu Pinheiro, especialmente chamado de quinze léguas de distância. Administrou-lhe os sacramentos dos enfermos o Vigário João Alboíno Pequeno, também natural do Crato e não menos amante das boas letras.

Rodeavam-no na agonia os entes queridos, pais e irmãos, inconsoláveis de tamanha perda.

Marcava a folhinha 15 de fevereiro de 1916.